

Cariri, itinerário da saudade

J.C. Alencar Araripe

Quem te viu, quem te vê

Não diria que me encontrava em terra estranha e perdera o norte, sem saber para onde ir. Não, não afirmaria isso, pois faltaria à verdade. A rua grande ali estava, com o mesmo traçado. Se fosse preciso, apontaria as casas onde morara e as residências de alguns potentados da terra.

Houve tempo em que Várzea Alegre parecia a cidade de uma rua só. Nem pensar como a gente se perder. Aqui e ali, becos que eram disfunções apontando para rumos imprecisos ainda. Hoje, Várzea Alegre expandiu-se em todas as direções, subiu e desceu morros. A população aumentou sem peias e forçou a expansão nem sempre ordenada. É o drama do exagerado crescimento demográfico, que continua desenfreado.

Não precisa levantar estatísticas, basta observar o movimento nas ruas: crianças no braço, crianças seguras pela mão, mulheres grávidas a cada passo. Na época dos foguetes, os militares já não pensam em ocupar vazios; mas, no plano das religiões, sobretudo a católica, doutrina não se concilia com realidade. Como falta educação, prevalece a ignorância. O jornalista Gilberto Dimenstein foi enfático: “gravidez também é epidemia”.

Outrora, dizia-se: a cidade nem era várzea nem era alegre. Mas ninguém jamais cogitou de mudar o topônimo. É das poucas que conservam a mesma designação dos primórdios. Várzea nunca foi, mas alegre e buliçosa passou a ser. Na festa do padroeiro, então, regurgita de gente, de manhã à madrugada. Desperta com a charanga municipal e o foguetório na alvorada das 5 horas, transmitida pela Rádio Educadora. A salva do meio-dia atrai fiéis à matriz; à noite, o templo vive seu momento maior com o novenário.

Igreja bonita e bem cuidada, a de Várzea Alegre. Não se compraz com a brancura das neves; o seu interior é multicolorido, até para não destoar da figura do bispo São Raimundo Nonato, com a imponência

de suas vestes talares. Ao lado direito de quem entra, a imagem de São Braz, por muitos venerada, anos seguidos, como se fosse a do padroeiro. Eis uma das singularidades de Várzea Alegre. Uma outra era o vigário padre José Otávio, sacerdote depois de casar duas vezes, pai e avô, de acrisoladas virtudes, no lar e no altar. A simpática pracinha em frente à matriz ostenta o busto do boníssimo levita do Senhor.

Ao lado e em meio ao culto religioso, desenvolve-se a festa mundana. Tem de tudo, destaque para a extensa fileira de barracas em que sobressaem variadas confecções. À noite, com direito a entrar pela madrugada, a pajelança da boa terra do arroz.

Ah! Várzea Alegre, quem te viu, quem te vê!



Matriz de São Raimundo Nonato no contexto Urbano

No domínio das águas

Sou, de longa data, impenitente entusiasta da açudagem como um dos principais recursos a nosso dispor para enfrentar os azares da irregularidade das chuvas. Garante-nos água, para consumo humano e irrigação,

e assegura a presença do peixe na alimentação. Entre outras vantagens, não descartá-lo como atração turística.

Por isso mesmo, na minha estada em Várzea Alegre, elegi como uma das metas prioritárias visitar o açude próximo à cidade e do qual provém a água que abastece a população. Não o conhecia e tratei logo de ir até a barragem.

Não o conhecia, sim. Era-me familiar, porém, o nome da região em que se localiza. Trata-se do Vale do Machado, terras fertilíssimas e nas quais se obtém, nos bons invernos, grande safra de arroz, a produção principal.

O livro *Problema das secas e outros ensaios*, de Antônio de Alencar Araripe, reúne estudos de vivo interesse para o Ceará e testemunha o empenho do seu autor na realização de obras que aumentassem o poder de resistência do Estado ao flagelo climático. Entre essas obras, deu relevo ao açude de Várzea Alegre, cujos estudos preliminares, a cargo do engenheiro Pedro Ciarline, datavam da década de 20.

Em discurso proferido na Câmara Federal a 16 de junho de 1958, ano de calamidade da seca, proclamava Antônio de Alencar Araripe: “Considerando-se os limites da capacidade, nenhum dos açudes que foram ou estão sendo construídos no Ceará se colocava em igualdade de condições ao do vale do Machado. Várzea Alegre é o município do Estado de maior produção de arroz, cujo plantio se desenvolve em baixios de terras de aluvião de 30 quilômetros de extensão por cinco de largura. Em 1958, quando os arrozais estavam a soltar o cacho, perderam-se à falta de chuvas. O açude evitaria essa desgraça, permitindo mais de uma safra de arroz e abastecimento de peixe, cereais e verduras.”

Vejam-se os pecados do tempo! Os estudos vinham da década de 20; em 1958, fazia-se ouvir mais um brado a favor do açude de Várzea Alegre; a sua construção só veio a concretizar-se no final do século. Iniciada em 1995, em decorrência de convênio do Governo do Estado com o DNOCS, foi concluída em 1998.

Antes tarde do que nunca. Com capacidade de 21 milhões de m³, o açude Olho D'Água integra o sistema do Jaguaribe e cumpre destinação de alto alcance social e econômico.

Contrastavam com essa alentadora perspectiva os perigos que rondavam a lagoa São Raimundo Nonato, que hoje é parte da cidade: não podia ser transformada em depósito final dos esgotos domésticos. Até pela influência benéfica do clima, é área a ser espaço verde. Devia ganhar foros de polo de lazer e embelezamento urbano.

Felizmente, a Prefeitura e o Governo do Estado deram-se as mãos e celebraram convênio para realização de obras de urbanização já em curso.

Alvíssaras, Várzea Alegre!

Pau-de-arara escolar

Na paisagem do interior, ora ressequida e desértica, outras vezes com vegetação que suaviza a visão, nas pequenas cidades e naquelas de maior porte, por aí a fora, nota-se a presença de um transporte que não se conhecia até bem pouco tempo. É o destinado a conduzir alunos da zona rural, que se agrupam em certos locais, previamente estabelecidos, para apanhar o veículo.

Creio que essa realidade começou a configurar-se a partir da Lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Como garantir a universalidade do ensino fundamental se as crianças não tiverem meio de locomoção dos lugares em que moram para as escolas em que se matricularam?

Confesso que me alegro quando cruzo com ônibus escolar. Algo mudou, evidentemente. Não é o ideal, estamos longe disso, enquanto não partirmos para a escola em tempo integral, com professorado melhor remunerado e capacitado também.

A Lei nº 10.709/03, que acrescenta incisos aos artigos 10 e 11 da Lei nº 9.394/96, estabelece explicitamente que cumpre aos Estados e Municípios assumirem o transporte escolar dos alunos das redes estaduais e municipais. Antes, tal obrigação era decorrência natural de dispositivos gerais. Agora, a lei é taxativa.

Em viagem de Fortaleza ao Cariri, deparei-me repetidas vezes com verdadeiros paus-de-arara, à saída de cidades e nas estradas, com precária

adaptação para conduzir alunos. Não é possível que se permita continue essa situação anômala. Que se ofereça segurança aos jovens usuários, que merecem ser levados ao seu destino resguardados de sobressaltos e em condições físicas que favoreçam o aprendizado.

Se educação é prioridade, que se dê aos procedimentos de rotina como aos de natureza especial o senso de responsabilidade e o caráter de eficiência, garantia de sucesso permanente.

Na encosta da serra

O jovem e simpático médico, mal descobriu na minha ficha que era filho de Jardim, confessou sem ardeios:

– Só não moro no Cariri porque não ganharia lá o que ganho aqui.

Para mim, com toda família residindo em Fortaleza, mudar de domicílio, na altura da vida a que cheguei, já não me fascina. Mas, passear, vez por outra, por aquelas bandas do meu Ceará, enche-me de prazerosa alegria. Fico rindo com o tempo. Há um enlevo de encanto e saudade.

Na Catedral da Penha, em Crato, emociona-me o reencontro com o Coral da Sociedade de Cultura Artística, de renome nacional, sob a regência da maestrina Divani Cabral. Faz gosto ouvir uma homilia como a proferida pelo Bispo diocesano, italiano que fala sem sotaque. Louve-se, sobretudo, na oração de Dom Fernando Panico, o equilíbrio e a propriedade dos conceitos emitidos, a lucidez com que coloca a comunidade na confluência da problemática religiosa, econômica, social e política, o espírito desarmado, tolerante, compreensivo em que relembra a figura do Patriarca de Juazeiro, Padre Cícero Romão Batista, não deixando no olvido o Apóstolo do Nordeste, o benemérito Padre Ibiapina, a merecer a reverência da posteridade.

Na companhia do consócio Huberto Cabral, visito o edifício do Instituto Cultural do Cariri. Pela privilegiada localização, na avenida em frente ao Parque de Exposições, e pelos convênios assinados com vistas ao funcionamento pleno, a perspectiva que se abre ao Instituto é promissora. Maior capacitado estará a servir à comunidade como um dos esteios do desenvolvimento regional.

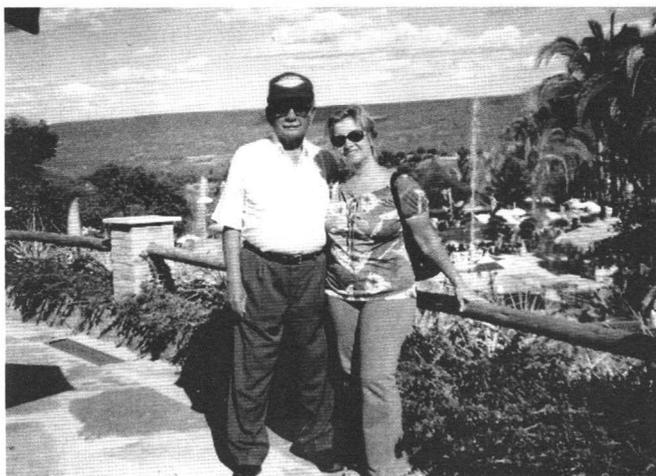
No plano do turismo, lá, como em toda parte, instrumento de trabalho e riqueza, têm sido dados passos avantajados. Não se cuida só de falar e planejar. Procede-se objetivamente, realiza-se.

Já não se pode dizer, por exemplo, que o Crato não dispõe de bons hotéis, que absorvam e estimulem as atividades turísticas. O que se fez, nesse tocante, é de ressonância entusiasmante.

Nas quebradas do Araripe, surgiram instalações hoteleiras de primeira ordem. À beleza natural junta-se o ornamento da modernidade.

O Encosta da Serra Hotel é uma realidade agradabilíssima. No Pasárgada Parque Hotel, um momento de beleza e lirismo. Contempla-se o panorama do vale caririense, Crato e Juazeiro ao longe. Na mesa do restaurante, o frescor do poema de Manuel Bandeira: “Vou-me embora pra Pasárgada”.

Embora não vou, porque estou no Pasárgada do Cariri, sou amigo do rei e tenho a mulher que eu quero.



Encanto e sedução nas quebradas do Araripe